

Didática no Brasil: planejamento de ensino e avaliação escolar

Didactics in Brazil: teaching planning and school evaluation

João Carlos Barbosa Dos REIS⁴

Agenor Francisco de CARVALHO⁵

RESUMO: O presente estudo, de caráter bibliográfico, objetiva compreender a importância do planejamento e da avaliação no âmbito educacional, bem como instrumentalizar os profissionais da educação com estratégias que demonstrem como funcionam esses processos dentro da didática de ensino usada no Brasil. Ferramentas essenciais no processo de ensino-aprendizagem, muitos professores ressentem do seu uso, quando no exercício da atividade didática. Dessa forma, será possível observar que o planejamento escolar, nada mais é do que um método utilizado nas atividades didáticas para a organização e coordenação dos objetivos que deseja alcançar durante o processo de ensino. Já a avaliação consiste em auxiliar o trabalho docente, pois através dela poderá se analisar os resultados do ensino aplicado, podendo assim se constatar os progressos e também as dificuldades, para que sejam realizadas as correções necessárias. Destacam-se com isso, as características e peculiaridades que envolvem o planejamento e a avaliação, baseando-se em leituras acerca do assunto em questão. Tomando-se por base teórica os estudos produzidos por Libâneo (2013), Candau (2011), Veiga (1996), dentre outros. Observou-se o quanto é essencial o planejamento de ensino e a avaliação escolar, para que os professores possam desenvolver suas práticas educacionais com organização e adequação, visando alcançar um desempenho na aprendizagem de qualidade dos seus alunos.

PALAVRAS CHAVE: Educação. Planejamento de ensino. Avaliação escolar.

ABSTRACT: This bibliographic study aims to understand the importance of planning and evaluation in the educational field, as well as instrumentalize educational professionals with didactic strategies to understand the functioning of these processes in Brazilian education. Many teachers miss these essential tools in the teaching-learning process when in the exercise of didactic activity. In this way, it will be possible to observe that school planning is nothing more than a method used in didactic activities to organize and coordinate the objectives to be achieved during the teaching process. On the other hand, the evaluation consists in helping the teaching work, in order to analyze the results of the applied teaching, thus being able to verify the progress and also the difficulties, so that the necessary corrections are made. The characteristics and peculiarities involved in planning and evaluation stand out, based on readings about the subject in question. Taking as theoretical basis the studies produced by Libâneo (2013), Candau (2011), Veiga (1996), among others. It was observed the importance of teaching planning and school evaluation, so that teachers can develop their educational practices with

⁴ Graduando em Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; E-mail: joaoreis1992@hotmail.com.

⁵ Mestre em Educação e Linguagem, pela Associação Vilhenense de Educação e Cultura. Professor Assistente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; E-mail: agenordecarvalho@hotmail.com.

organization and adequacy, aiming to achieve a quality learning performance of their students.

KEYWORDS: Education; Teaching planning; School evaluation.

Este artigo de caráter bibliográfico tem por objetivo de compreender a importância do planejamento e avaliação no âmbito educacional, bem como instrumentalizar os profissionais da educação com ferramentas que demonstrem como são estabelecidos esses processos dentro da didática de ensino utilizada no Brasil. De início é essencial compreender o conceito de Didática, o qual consiste na relação existente entre o ensino escolar e a prática docente, ou seja, funciona como um mecanismo norteador para que se possa entender o processo educacional, que é formado por objetivos, conteúdos e atividades, que auxiliam na busca do conhecimento.

Com isso, para que ocorra a existência dos objetivos, conteúdos e atividades, é necessário desenvolver estratégias de organização e é aí que entra o planejamento escolar, o qual é responsável por estabelecer os parâmetros de adequação dos materiais e dos recursos humanos, a fim de alcançar os objetivos educacionais em questão.

No entanto, para que isso ocorra é necessário estar aberto às evoluções e tecnologias disponíveis na contemporaneidade, pois a todo instante inovações tecnológicas são disponibilizadas, assim como novos conhecimentos surgem e com isso novos desafios educacionais. Influenciando incisivamente na forma de planejamento usado pelas instituições de ensino. Um exemplo típico disso são as redes sociais, a popularização do uso de smartphones, smart tvs, tecnologias 4G e outras inovações que a cada instante evoluem e incrementam a educação com novas ideias que auxiliam e devem ser utilizadas na aprendizagem. Alguns professores apresentam resistências no uso de novas tecnologias, fossilizados em técnicas e instrumentos de planejamento ultrapassados, transformam em verdadeira tortura o ato de ensinar e aprender.

A avaliação por sua vez, possui relação constante com o planejamento, em razão de servir de instrumento e determinar parâmetros para observar se os métodos utilizados estão dando resultados positivos ou negativos. Tais parâmetros devem estar marcadamente visíveis no planejamento, de maneira que possam servir de base para a avaliação e dessa forma, caso existam distorções e/ou equívocos, possam sofrer as devidas correções na forma de ensino, assim como a flexibilização do ato de planejar.

Mas na verdade, a avaliação vai além de ser apenas uma “prova” como popularmente é conhecida, trata-se de um instrumento extremamente eficaz no exercício da prática da docência, isto porque é responsável por demonstrar o rendimento do conteúdo aplicado e definir o fracasso ou o sucesso presente no conhecimento dos avaliados, e conseqüentemente, torna possível que sejam buscadas alternativas capazes de proporcionar uma melhor aprendizagem do conteúdo programático que fora aplicado.

Diante do exposto, é possível entender com mais detalhes como funcionam esses dois elementos da didática, bem como suas principais características e funções no ambiente educacional.

Atualmente na didática, muitas são as definições de planejamento de ensino, entretanto todas querem demonstrar a importância de se planejar para conseguir os resultados que almejam. Partindo dessa premissa, o ato de planejar, é intrinsecamente relacionado ao de organizar, ou seja, assim como são planejadas as mais diversas coisas na vida. No âmbito educacional não seria diferente, pois para o funcionamento de uma instituição de ensino de maneira adequada, é necessária a organização, logo se tem o planejamento. Nesse sentido, Andrade (1969, p. 49) afirma que:

Devemos prever o que iremos realizar, pois assim os resultados obtidos serão mais rendosos e adequados aos fins que temos em vista. A improvisação em qualquer setor da atividade humana, em regra produz uma atuação desconexa e pouco construtiva. Para que se consigam resultados positivos naquilo que propomos realizar, isto é, para o êxito, dos empreendimentos, é necessário e mesmo imprescindível o traçado de

um plano. Ora, sendo o ensino o mais complexo de todos os empreendimentos e uma tarefa de grande responsabilidade, não pode e não deve ser deixado às incertezas da improvisação.

Pode-se observar acima que o trabalhar com a educação é uma grande responsabilidade, não podendo realizar essa tarefa de qualquer jeito, já que os professores estarão formando opiniões de cidadãos, que representarão o futuro da população, motivo pelo qual tem que haver o planejamento de ensino voltado para criar uma autonomia e não a submissão. Paulo Freire (1994, p. 79) afirma que:

Qualquer que seja a qualidade da prática educativa, autoritária ou democrática, ela é sempre diretiva. No momento, porém, em que a diretividade do educador ou da educadora interfere na capacidade criadora, formuladora, indagadora do educando, de forma restritiva, então a diretividade necessária se converte em manipulação, em autoritarismo. Depois da compreensão do conceito de planejamento, nota-se que muitos confundem este com outros termos, como: plano, projeto ou até mesmo programa, contudo estes são componentes do planejamento.

Nas ideias de Evangelista (2011, p. 59-61), o plano consiste na materialização do planejamento, isto é, onde constam as estratégias e os objetivos almejados. O projeto seria a menor unidade do planejamento, pois nele estão as etapas a serem seguidas. E o programa, se concretiza pela conjunção das propostas organizadas e coordenadas para o alcance dos resultados esperados.

Outra perspectiva interessante é a compreensão de Carvalho (2000, p. 63-64), de que haveria duas concepções de planejamento, como método dialético e como instrumento para a práxis pedagógica.

A primeira defende que o planejamento teria enfoque dialético, que corresponderia à transformação da realidade, isto é, o método dialético auxiliaria na compreensão das mudanças ocorridas na educação escola, contribuindo para uma reflexão teórica que ajudasse a superar a apreensão imediata da realidade, permitindo

que nela se interfira com conhecimento científico e filosófico na prática escolar. Dessa forma, o autor supramencionado, explica acerca do método dialético:

O ser humano sempre busca um referencial teórico, alguma orientação tem para sua ação. Para colaborar com o processo de transformação da educação escolar, é necessário adotar um procedimento que contribua para a ocorrência das mudanças. Através do método dialético, o que se pretende é justamente dar este caráter mais científico e filosófico à prática escolar.

Já a segunda explica que o planejamento envolve três dimensões a ação a ser realizada, tendo como finalidade a demonstração da realidade a ser transformada por esse fim. Assim, planejar é diferente de imaginar, à medida que neste não há o compromisso com a colocação em prática. Portanto, o planejamento seria o processo de tomadas de decisões, visando à preparação para qualquer empreendimento, como o ensino.

Prosseguindo, há de se ressaltar a importância do planejamento na didática aplicada nas escolas, como um processo de racionalização, organização e coordenação, que engloba as práticas escolares, mas também o contexto social. Dessa forma, os professores e os alunos participam deste processo de maneira íntima, relacionando-se com influências econômicas, culturais e políticas, as quais necessitam de planejamento para serem absorvidas de forma qualitativa no ambiente de ensino.

Com isso, Libâneo (2013, p. 247) definiu quais são as funções do planejamento escolar, destacando que cada professor possui a necessidade de seguir os principais métodos:

- a) Explicitar princípios, diretrizes e procedimentos do trabalho docente;
- b) Expressar os vínculos entre o posicionamento filosófico, político-pedagógico e profissional;

- c) Assegurar a racionalização, organização e coordenação da docência;
- d) Prever objetivos, conteúdos e métodos a partir da realidade social dos alunos; e
- f) Facilitar a preparação das aulas, buscando a melhor adaptação para os alunos em sala.

Nota-se que várias são as funções do planejamento escolar, e que o mesmo serve como um guia de orientação, no qual possuem objetivos, conteúdos e métodos, apresentados de maneira coerente e flexível para cada forma de ensino.

A seguir serão relacionadas algumas das principais características que envolvem o planejamento de ensino.

Nesse intuito, para que se possa entender melhor a importância e necessidade de se planejar, vale analisar os conceitos básicos ou também conhecidos como tipos de planejamento encontrados na área da educação, os quais são:

- Planejamento Educacional;
- Planejamento Curricular; e
- Planejamento do ensino.

Assim, o Planejamento Educacional consiste em um processo de abordagem racional e científica dos problemas de educação, incluindo definição de prioridades e levando em conta a relação entre os diversos níveis do contexto educacional.

Já o Planejamento Curricular tem como característica ser uma tarefa multidisciplinar que tem por objeto a organização de um sistema de relações lógicas e psicológicas dentro de um ou vários campos de conhecimento, de tal modo que se favoreça ao máximo o processo ensino-aprendizagem. Consta ainda, o Planejamento do Ensino, nada mais é do que a previsão inteligente e bem articulada de todas as etapas do trabalho escolar que envolve as atividades docentes e discentes, de modo a tornar o ensino seguro, econômico e eficiente.

Passa-se agora a analisar como quanto a elaboração de um planejamento, levando em conta alguns elementos, como: realidade, finalidade e mediação. Dessa forma, com o elemento da realidade o planejamento se encontra no presente do mundo real. Ao contrário disso, a finalidade busca determinar o futuro das coisas, ainda inexistente.

E o último, a mediação se caracteriza pela por ser um meio termo, ou seja, prevê as ações do presente relacionada às transformações do futuro. Com isso, conclui-se que para a elaboração do planejamento se faz necessária a observância do que temos de real no mundo, relacionado com as transformações futuras, para que não fique ultrapassado.

Vale ressaltar que o planejamento ainda se enquadra em três fases, a primeira delas, a previsão é aquela responsável por determinar os objetivos e os meios para concretizá-lo, percebendo os meios necessários para avaliação das atividades. Por sua vez, a programação demonstra as etapas da execução das atividades, direcionadas para o alcance dos objetivos visando à realização do planejamento. E assim, a avaliação que é a fase em que são obtidos os resultados da execução das ações desenvolvidas e que deve fornecer dados para reajustes na previsão e programação, bem como fornecer dados para melhorar os futuros planejamentos.

Outra perspectiva interessante demonstrada por Carvalho (2000, p. 70-71) é que o planejamento pode ser construído através da junção de dois termos o ensino e à aprendizagem, veja-se:

Todo planejamento visa ao ensino e à aprendizagem. Por isto deve envolver os professores na sua elaboração; pois eles são os sujeitos que irão colocar em prática o plano de ensino-aprendizagem. O professor tem que transmitir seu conhecimento de forma humana, ética, intelectual e profissional, procurando aperfeiçoar o domínio da arte de ensinar e aprender. É preciso conhecer a realidade do aluno e respeitá-la, pois este possui seus próprios ideais e ambições. O professor deverá contribuir para formar o aluno com uma consciência criativa e cativante. Dominar o conteúdo e mantê-lo atualizado é fundamental.

Verifica-se com a citação acima, que há uma necessidade de se demonstrar o valor do docente, pois ele tem a função de ensinar de maneira ética e humana, passando não só conhecimento intelectual, mas também social. Além disso, para que os professores possam se organizar para transmitir os conteúdos programáticos, é fundamental o plano de ensino-aprendizagem. Enquanto ferramenta essencial no desenvolvimento de estratégias para o eficaz processo de ensino e aprendizagem, o planejamento, conforme afirma Zabala (1998, p. 93):

Ao mesmo tempo, o planejamento tem que ser suficientemente diversificado para incluir atividades e momentos de observação do processo que os alunos seguem. É preciso propor aos alunos exercícios e atividades que ofereçam o maior número possível de produções e condutas para que sejam processadas, a fim de que oportunizem todo tipo de dados sobre as ações a empreender. Mover-se nos parâmetros de referências metodológicas extremamente abertas à participação do aluno para conhecer o processo que cada um segue.

Finalmente, verifica-se que o planejamento escolar está baseado em entendimentos diversos, no entanto, se completam, determinando sua importância e funcionalidade não apenas no âmbito educacional, mas também no cotidiano da vida, o que ensina que planejar é um ato essencial para realizar qualquer atividade, principalmente, nas práticas exercidas nas instituições de ensino.

Depois de analisar acerca do planejamento de ensino, passaremos a compreender sobre a avaliação escolar que é outro método fundamental existente na didática, pois com ela é possível obter resultados eficientes para demonstrar se há necessidade de modificação no planejamento, ou seja, se os objetivos estão sendo alcançados.

Dessa forma, será possível observar o entendimento acerca do conceito de avaliação escolar. Assim, de acordo com Libâneo (2013, p. 216) a avaliação é entendida como:

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e

aprendizagem. Por meio dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. A avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos. (...) A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorre a instrumentos de verificação do rendimento escolar.

Verifica-se que o conceito de avaliação evoluiu nos últimos anos ao se definir a avaliação escolar como um processo de ensino, que busca a qualidade e dos resultados, determinando que os objetivos que devam ser tomados para a tomada de decisão em relação à programação de atividades didáticas plausíveis. Moretto (2007, p. 117) afirma que:

A avaliação é parte do ensino e da aprendizagem, O ensinar, um dia, já foi concebido como transmitir conhecimentos prontos e acabados, conjunto de verdades a serem recebidos pelo aluno, gravadas e devolvidas na hora da prova. Nessa visão de ensino, aprender tem sido visto como gravar informações transcritas para um caderno (cultura cadernal) a fim de devolvê-las da forma mais fiel possível ao professor na hora da prova.

Com isso, analisa-se que a avaliação pode ser distinguida em duas concepções: a primeira é a educacional que ocorre quando se tem uma interpretação ou análise da eficácia e eficiência dos programas educacionais. Já a avaliação diagnóstica verifica apenas um programa educacional, como o próprio nome diz, faz um diagnóstico do sistema que necessita de correção e propõe objetivos que fundamentem as decisões sobre estratégias para alcançar a finalidade almejada. Portanto, a avaliação também é importante para a elucidação do planejamento e, conseqüentemente, da didática educacional. Para Sacristán (2000, p. 314):

Como instrumento de análise para se aproximar dos fenômenos envolvidos na mecânica e no significado real do que é a avaliação, poder-se-ia focar o ato de avaliação com os mesmos esquemas com os quais se estão analisando os processos de tomada de decisões do professor, o processamento das informações que antecede às avaliações e a utilização de esquemas mentais mediadores em sua própria prática pedagógica.

A avaliação escolar possui algumas classificações, por exemplo, quanto ao processo de ensino, temos: a verificação; a qualificação; e a apreciação qualitativa. A primeira é responsável pela coleta de dados acerca do aproveitamento dos alunos, realizada por meio de provas, exercícios e atividades. A segunda, por sua vez, visa à comprovação dos resultados alcançados em relação aos objetivos. E a terceira avalia os resultados obtidos, desenvolvendo padrões de desempenho.

Assim, em relação à função escolar, a avaliação classifica-se em: pedagógico-didática; de diagnóstico; e de controle. A avaliação pedagógico-didática é a função que faz referência ao cumprimento dos objetivos gerais e específicos, comprovando assim, os resultados desse processo educacional. E com esses resultados prepara os alunos para a vida em sociedade, propiciando a estes meios culturais de participação no âmbito social, melhorando a responsabilidade de cada um na área intelectual e social.

A avaliação de diagnóstico é aquela que identifica os progressos e as dificuldades que os alunos possuem, destacando também o desempenho dos professores, propondo mudanças na prática de ensino, para sanar as dificuldades existentes. Ocorrendo no início, pois é quando se nota o desenvolvimento do aluno, preparando-o para um novo aprendizado.

Assim, a avaliação de controle funciona como um meio de verificação da qualidade dos resultados escolares, mas de modo frequente, controlando sistematicamente o processo de interação entre o professor e o aluno, para quantificar os resultados. De modo a analisar as atividades desenvolvidas em sala de aula e os métodos utilizados para que os conteúdos sejam assimilados pelos alunos. Realizando, com isso, o controle de cada bimestre para que no final do semestre ou ano, haja o resultado esperado.

Muitas são as características da avaliação, no entanto, as principais são:

- a) reflete a unidade objetivos-conteúdos-métodos;

- b) possibilita a revisão do plano de ensino;
- c) ajuda a desenvolver capacidades e habilidades;
- d) voltar-se para a atividade dos alunos;
- e) ser objetiva;
- f) ajuda na autopercepção do professor; e,
- g) reflete valores e experiências do professor em relação aos alunos.

Vale mencionar que na avaliação tem que haver a verificação do rendimento escolar, ou seja, observar se os resultados obtidos estão de acordo com o conteúdo programado, porém, Carvalho (2000, p.154) faz menção a três formas de verificação: verificação inicial ou pré-teste, verificação formativa e verificação somativa. A primeira ocorre quando há uma medida do domínio dos pré-requisitos nomeados, como indispensáveis à próxima aprendizagem. A segunda se caracteriza pela constatação da quantidade e qualidade da aprendizagem que está ocorrendo. Por sua vez, a última consiste na medida dos comportamentos de saída finais, extraídos por meio de exercícios e experiências de aprendizagem das verificações formativas num certo tema.

Nesse sentido, para que haja a verificação do rendimento escolar é necessário instrumentos, para averiguar e diagnosticar as dificuldades dos alunos, estimulando-os a mostrar o que já fora aprendido. Assim, os instrumentos mais comuns da avaliação presentes no processo educacional, são: as provas escritas dissertativas, as de questões objetivas ou práticas que são de caráter mais formal. Contudo, ainda existem aquelas que auxiliam no acompanhamento do aprendizado dos alunos, como a observação e a entrevista, que são de caráter menos formal, não podendo ser confundida ou resumida a apenas uma prova. Nesse sentido Moretto (2010, p. 119) afirma que:

Avaliar a aprendizagem tem sentido amplo. A avaliação é feita de formas diversas, com instrumentos variados sendo o mais comum deles, em

nossa cultura, a prova escrita. Por esse motivo, em lugar de apregoarmos os malefícios da prova e levantarmos a bandeira de uma avaliação sem provas, procuramos seguir este princípio: se tivermos de elaborar provas, que sejam bem feitas, atinjam o seu real objetivo, que é verificar se houve aprendizagem significativa de conteúdos relevantes.

As provas escritas dissertativas correspondem ao conjunto de várias questões, as quais são necessárias respostas de maneira escrita com as próprias palavras dos alunos, atendendo ao conteúdo ministrado em aula, obviamente. Dessa forma, Libâneo (2013, p. 228) menciona que para realizar a formulação e correção da prova escrita dissertativa, observa-se algumas recomendações como:

Fazer uma lista de conhecimentos e habilidades, de acordo com os objetivos, e selecionar o que será pedido na prova; Levar em conta o tempo disponível, considerando o nível de preparação da maioria dos alunos; Preparar um guia para correção, indicando as respostas que podem ser consideradas corretas para cada questão; Atribuir a cada questão um peso (de 1 a 10), quando desejar valorizar mais uma questão do que outra; Preferentemente, corrigir pergunta por pergunta e não prova por prova, a fim de que as respostas possam ser comparadas entre si, tendo em vista o padrão de desempenho esperado; Deve-se tomar o cuidado de ter o máximo de objetividade na correção.

Por sua vez, a prova escrita de questões objetivas, ao contrário da anteriormente vista, se caracteriza por questões de múltipla escolha ou com alternativas, e não questões abertas. No que diz respeito à elaboração e correção usa-se basicamente as mesmas recomendações da dissertativa, só que mais rápida.

Há, entretanto, procedimentos auxiliares de avaliação, como já citado acima a observação e entrevista. A observação acontece quando houver situações variadas, na sala de aula, no recreio, ou até mesmo em um passeio de fora da escola. Com a observação o professor conhece seus alunos, ou seja, entende, informalmente, como o aluno se porta individualmente e em grupos, visando identificar fatores que ajudem na aprendizagem do mesmo. No entanto, tal ato está sujeito a falhas, pois se o professor utiliza-se de conclusões apressadas ou preconceituosas, que acabam interferindo na vida do aluno de maneira negativa, em vez de ser positiva. Conforme

Perrenoud (1999, p. 161) a respeito do Bom, o Estúpido e o Vagabundo em avaliação:

O Bom seria, então, o professor que pudesse renunciar à toda avaliação certificativa para se colocar inteiramente a serviço das aprendizagens dos alunos. O Estúpido seria o examinador anônimo, primo pedagógico do soldado desconhecido, ao qual caberia o “trabalho sujo”: recusar uma certificação ou uma orientação favorável em nome da equidade e da manutenção do nível. E o Vagabundo? Talvez fosse o aluno, condenado por profissão a trapacear. Trapacearia com o Bom, porque a avaliação formativa é uma intrusão em sua vida. [...] trapaceará também com o Estúpido, o examinador, para criar a ilusão e ter a paz, o direito de continuar seus estudos ou de receber seu diploma.

A avaliação por isso deve ser entendida como processo formativo, do qual avalia-se em todos os sentidos: avaliam-se os alunos, mas ao mesmo tempo ao professor, avalia-se o conhecimento mas junto com as condições para que ele ocorra (sejam de ambiente ou até mesmo de materiais e pessoal). Com isso, pode-se analisar que alguns itens podem ser objetos de observação, sendo eles: desenvolvimento intelectual; relacionamento com os colegas e com o professor; desenvolvimento afetivo; e organização e hábitos pessoais.

Por fim, a entrevista, de acordo com Libâneo (2013, pg. 239) “é a técnica simples e direta de conhecer e ajudar a criança no desempenho escolar.” Portanto, seu objetivo é melhorar as informações que o professor já tem, esclarecendo dúvidas relacionadas a atitudes e hábitos dos alunos.

Por meio dos estudos realizados, foi possível observar que a didática possui vários métodos e elementos interessantes, no entanto, dois muito importantes são o planejamento de ensino e a avaliação escolar. O primeiro se caracteriza pelo ato de planejar, organizar, coordenar, adequar as práticas educacionais para um processo de ensino mais eficaz e ainda melhor.

Por sua vez, a avaliação é fundamental, porque é responsável por obter resultados, para denotar se os alunos estão familiarizados com os conteúdos

programados, utilizando-se de diferentes métodos, como provas, observações e entrevistas para alcançar seus objetivos, e alcançar um ensino de qualidade.

Dessa forma, nota-se que tanto o planejamento, quanto a avaliação são essenciais para o âmbito educacional, e um depende do outro, ou seja, se não houver um planejamento das matérias que serão disciplinadas, não se pode haver uma avaliação, e da mesma forma, se não houver a avaliação não será possível colher os resultados que demonstram se os alunos entenderam ou não a forma do professor administrar as aulas, e com isso, a necessidade de adequar o planejamento para solucionar o problema.

Tudo isso ocorre com intuito de melhorar a qualidade de ensino, buscando preparar e desenvolver o raciocínio e consciência de cada aluno para entender e se relacionar harmoniosamente em sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Benedicto. *Pedagogia e didática modernas*. São Paulo: Editora Atlas S. A. 1969.

CANDAU, Vera Maria. *Rumo a uma nova didática* – 21 ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2011.

CARVALHO, Ieda Marques de. *Didática: um estudo acadêmico*. Campo Grande/MS: Editora UCDB, 2000.

CORDEIRO, Jaime. *Didática*. São Paulo: Contexto, 2007.

EVANGELISTA, Izabel Alcina Soares. *Planejamento Educacional: concepções e fundamentos* – Ano 1, vol. 2. Santarém/PA: Editora Perspectiva Amazônica, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 2 ed. São Paulo/SP: Editora Cortez, 2013.

MORETTO, Vasco Pedro. *Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas*. 9. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales (org.). *Didática: ruptura, compromisso e pesquisa*. 4 ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, Sul, 1999.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Trad. Ernani F. da F. Rosa. 3 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). *Didática: o ensino e suas relações – 11. ed.* Campinas/SP: Editora Papiros, 1996.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Recebido em 13/02/2017.

Aceito em 20/03/2017.